

# DIFERENÇA E ALTERIDADE EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM

## DIFFERENCE AND ALTERITY IN CINZAS DO NORTE, BY MILTON HATOUM

Shirley de Souza Gomes Carreira\*

### Resumo

*Este artigo visa ao exame das relações intersubjetivas em Cinzas do norte, de Milton Hatoum, à luz do pensamento de Emmanuel Lévinas, focalizando, em particular, a sua perspectiva sobre a questão da alteridade e a relação ética entre o Eu e o Outro.*

**Palavras-chave:** *Alteridade, Diferença, Subjetividade, Milton Hatoum, Emmanuel Lévinas.*

### Abstract

*This article aims at the exam of inter-subjective relationship in Cinzas do norte, by Milton Hatoum, in the light of Emmanuel Lévinas' thought, focusing, in particular, on his perspective of the issue of alterity and the ethical relation-ship between the Self and the Other.*

**Key words:** *Alterity, Difference, Subjectivity, Milton Hatoum, Emmanuel Lévinas.*

### I Introdução

*Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares.*

João Guimarães Rosa

A obra *Da existência ao existente*, de Emmanuel Lévinas, começou a ser escrita quando ele ainda

estava no cativeiro, durante a Segunda Guerra Mundial, e constitui um questionamento da fenomenologia de Heidegger. Para aqueles soldados alemães que o vigiavam em silêncio, ele só existia como um ente manipulável, que era parte de um projeto geopolítico do Reich de conquistar e assegurar um espaço vital. Segundo a ótica alemã, o outro era negado em sua alteridade e afirmado em sua diferença.

A experiência traumática de Lévinas no cativeiro fez com que, a partir daí, seu pensamento e sua obra se voltassem para as relações intersubjetivas, revelando ser possível pensar filosoficamente uma relação entre o Eu (Mesmo) e o Outro (Rosto) em que o Mesmo não seja anulado, em que o Outro não seja objetivado; em que a relação seja mantida, de tal forma que subjetividade e alteridade se constituam na relação que tecem sem se fundirem e sem se alienarem.

*Cinzas do norte*, romance de Milton Hatoum, reproduz em diferentes nuances a experiência de Lévinas, à medida que essa experiência se opõe à concepção de alteridade por ele defendida. A síntese das relações humanas no romance baseia-se na negação da alteridade.

Na relação humana fundamentada na alteridade, os fenômenos holísticos da complementaridade e da interdependência estão sempre presentes, no modo de pensar, de sentir e de agir, em que o nicho ecológico, as experiências particulares são preservadas e consideradas, sem que haja a preocupação com a sobreposição, assimilação ou destruição destas.

*Cinzas do norte*, no entanto, emblematiza, em seu título, um universo ficcional que se reporta aos "anos de chumbo"; um momento histórico em que não havia espaço para a expressão da alteridade. A afirmação da diferença no âmbito do romance ocorre em duas esferas: a privada, nas relações conturbadas entre as personagens, e a pública, das relações do indivíduo com o poder civil. Essa obra tem uma linguagem objetiva, às vezes dura, que conta uma das possíveis histórias de uma geração que sonhou com um mundo mais justo, apenas para encontrá-lo em cinzas na sua maturidade. A busca de realização do sonho, ou seja, da afirmação da alteridade, sucumbe ante a potência da tirania. Conforme Rossana Rolando (2001) nos faz lembrar:

Como o sujeito do idealismo transcendental pretende, por meio do pensamento, englobar qualquer alteridade e reconduzir a si mesmo qualquer coisa que lhe é externa, realizando o ideal do "conhecer igual a dominar", do mesmo modo, o tirano se comporta como se

estivesse sozinho, considera o outro "na terceira pessoa", como uma "coisa" ou um caso particular de um todo. Para a tirania, não há o indivíduo, mas somente o geral, o anônimo, o oblíquo (p. 77).

## **2 Cinzas do Norte: entre a tirania e a diferença, uma leitura do sujeito**

O romance *Cinzas do norte* conta a história da família Mattoso e, em particular, as consequências das constantes desavenças entre Trajano Mattoso (Jano) e seu filho Raimundo (Mundo), cujo desejo de ser artista contraria os planos do pai, que o quer à frente dos seus negócios. A história da família entrelaça-se à da costureira Ramira, de seu irmão Ranulfo e de seu sobrinho Lavo, que vem a ser o narrador. A narrativa consiste no relato de Lavo, entremeado pela carta de Ranulfo a Mundo e das cartas deste ao narrador.

No romance, a tirania é a tônica das relações entre Jano e Mundo. Em sua incapacidade de compreender e aceitar a alteridade, Jano "coisifica" o outro, busca dominá-lo, ainda que por meio da violência. Mundo, ainda criança, é alvo da agressividade de Jano, traduzida em surras de cinturão e horas de aprisionamento em um porão, para não se misturar com as crianças pobres das palafitas. Desde o berço, ele nada mais fora para o pai senão a figura de seu sucessor:

Ela me disse que Jano estava feliz por ter um herdeiro Mattoso, um homem, e não falava em outra coisa, e depois tua mãe percebeu que ele estava envaidecido não com o filho, mas com o herdeiro, até que um dia brigaram por causa da palavra herdeiro, que ela não aguentava mais ouvir, como se tu não fosses um bebê e sim um homem à frente da Vila Amazônia (Hatoum, 2005, p. 216).

Diante do mundo que o cerca, Jano adota uma postura totalitária e egocêntrica. Os tentáculos de sua vontade atingem a todos que o cercam: a mulher Alícia, que nunca o amou, mas que se submete por medo; os empregados e a costureira Ramira, inclusive, que por ele nutre sentimentos que beiram a idolatria. Em sua concepção de mundo, a alteridade é inadmissível e a diferença só é reconhecida para ser subjugada, dominada e destruída.

Mundo, por sua vez, resiste à vontade "paterna", em busca de uma liberdade, que, contraditoriamente, não lhe traz felicidade. O impulso de Mundo à rebeldia pode ser compreendido segundo o conceito kantiano de autonomia, isto é, a liberdade como autodeterminação da vontade. O choque de opiniões e atitudes entre Jano e Mundo equivale à

oposição kantiana entre heteronomia e autonomia, uma vez que Mundo recusa-se a se deixar dominar por algo exterior à sua própria razão.

Segundo Lévinas (1993), o logro da autonomia kantiana ocorre porque a tirania dispõe de meios – da tortura à intimidação, da propaganda ao pacto de silêncio, da ameaça à sedução – que podem demolir o poder de obedecer livremente, eliminando a própria consciência da tirania (ver p. 17).

As estratégias de dominação de Jano vão além da obviedade da violência física, da qual Mundo é a maior vítima. Com Lavo, melhor amigo de Mundo, ele utiliza o suborno, ainda que sem resultados:

Falava com o dedo apontado para a minha cabeça, como se o filho estivesse no meu lugar. (...) Jano abriu uma gaveta e segurava um envelope. (...) "Sei que tu és órfão, Lavo. Conheço teus tios... O ex-radialista só pensa na farra, mas tua tia é uma mulher honesta. Sei também que vocês levam uma vida difícil", disse, com uma sombra de sorriso. E continuou, agora com voz ríspida: "Mas não é por essa razão que vou te propor uma coisa. As dificuldades existem para mim também, só que são outras. Minha saúde... meu filho... esse inferno moral. Quero que ele se encontre com uma mulher e desapareça da casa daquele artista. Uma mulher... velha ou moça, uma viúva, uma puta, uma mulher qualquer! E que nunca mais entre na casa do maldito. Pago um dinheirão por isso. Quero salvar meu filho, antes que seja tarde. Pensa nisso, Lavo. É um trabalho como outro qualquer" (Hatoum, 2005, p. 36).

A surpresa e a indecisão de Lavo dão vazão à violência de Jano:

Ficou à espera de uma palavra ou gesto de assentimento, sem pensar na minha humilhação ou vergonha. (...) O homem me oferecendo com a mão direita um envelope cheio de dinheiro, como se quisesse compartilhar comigo o fogo do inferno moral, que era só dele. Até os olhos amarelos de Fogo me acuavam. Senti-me diminuído, atordoado, perante aquele pai que não era o meu (Hatoum, 2005, p. 36).

Ainda lembro do murro que Jano deu na mesa, reação ao meu silêncio ou à minha perplexidade. (...) Fogo me encarando, expelindo um rosnado ameaçador. Os dois, diante de mim, exigindo uma resposta.

Lembro do silêncio opressivo, que abafava o alvoroço da rua, da minha caminhada ansiosa à casinha da Vila da Ópera, da voz poderosa de um homem enfermo, atormentado pela vocação artística do filho ou, talvez, por alguma outra coisa.

Nunca falei a Mundo dessa oferta generosa e infame (Hatoum, 2005, p. 36-37).

Ao contrário de Lavo, que vê nos atos de Jano uma humilhação, Ramira, sua tia, é o exemplo do indivíduo cuja liberdade é por natureza "não heróica", o ser feito de "medo e amor", que acaba por

aceitar a ordem do tirano como se viesse dele mesmo (p. 18). Ela aceita, sem pestanejar, a tática de sedução de Jano, a quem venera:

Para tia Ramira, ele tinha sobretudo um nome conhecido, que crescera depois da Segunda Guerra e ainda reverberava com força de autoridade. Essa mistura de riqueza material e correção moral fazia de Jano um ser perfeito. "Isso é uma raridade", dizia ela. "A única falha desse santo homem foi cair no feitiço daquela mulher" (Hatoum, 2005, p. 38-39).

Em *Cinzas do norte*, é visível a marginalização social das personagens que lutam pela sua autonomia, como Mundo e Ran.

Em suma, a reafirmação da alteridade é, por vezes, levada ao extremo, do qual a morte de Sócrates é um exemplo, pois, conforme afirma Rossana Rolando (2001), "o tirano pode matar, mas não pode sujeitar a vontade, enquanto permanecer livre a reserva interior, a oposição do pensamento, a dimensão privada da consciência discordante" (p. 78).

No romance, a expressão máxima da alteridade, do direito à diferença, pode ser sintetizada em uma frase, de Balzac, enviada por Mundo, em um cartão-postal, ao seu amigo Lavo: "Ou a obediência estúpida, ou a revolta".

Uma das preocupações de Lévinas era como enfrentar a violência sem gerar mais violência. Em *Cinzas do norte*, percebe-se a dificuldade de Mundo para lidar com a violência paterna. Em sua relação conturbada com o pai, Mundo faz uso da imagem pública de Jano para desafiá-lo, por exemplo, quando retorna da Vila Amazônia sem que o pai saiba: "Chorando, dissera que Jano era um grande amigo do coronel Zanda e que ele, Mundo, tinha urgência para chegar: o pai estava muito enfermo" (Hatoum, 2005, p. 89).

Muito embora esse comportamento possa ser creditado a um capricho de herdeiro rebelde, Mundo utiliza justamente as prerrogativas de sua posição de filho para contestar a herança que rejeita:

... Jano ficou sabendo que Mundo enganara todos, inclusive o diretor. Levou uma carta do pai, com assinatura falsificada e tudo, em que este solicitava uma licença de duas semanas

para o filho, que o acompanharia numa viagem ao Rio de Janeiro. O militar descobriu um novelo de mentiras, todas aludindo à doença de Jano; soube que Mundo havia protestado com palavras subversivas contra a morte acidental de um aluno durante um estágio de sobrevivência na selva e que às sextas-feiras pedia permissão para ir visitar o pai, que estava hospitalizado (Hatoum, 2005, p. 184-185).

O desejo de Jano de enviar Mundo para um internato passa por dois temores que ele não consegue disfarçar: que o filho seja "herdeiro" dos dons artísticos de seu verdadeiro pai, Arana, e que seu comportamento arredo seja fruto da homossexualidade. A tirania de Jano revela a negação da alteridade e a afirmação da diferença, pois ele não é capaz de aceitar o fato de que Mundo tem aspirações e atitudes contrárias às suas; não é capaz de ver no rosto do filho um rosto que não é o seu, mas de um Outro; um ser independente, cuja dignidade tem que ser respeitada.

O primado do Mesmo sobre o Outro, conforme ensina Lévinas, pode vir a promover um novo retorno à barbárie. A alma bárbara se define pela resistência à alteridade, por causa de sua inércia ontológica que a faz recair sobre si mesma.

Em *Cinzas do norte*, a violência está presente no Estado repressor e nos seus aparelhos ideológicos (Althusser, 1998). O núcleo fundamental da trama se situa entre abril de 1964 e dezembro de 1973, portanto, na época da ditadura instaurada pelo golpe militar<sup>2</sup>.

A visão totalitária de Jano é responsável pela sua proximidade com os militares, que passa a ser mais uma razão para o confronto entre pai e filho. O romance não gira em torno dos "anos de chumbo", mas deixa entrever, na ação dos militares, em particular na do coronel Zanda, a atmosfera de medo e repressão:

No meio da semana seguinte, as aulas da faculdade de direito foram canceladas em protesto contra o assassinato de um aluno da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. A imprensa falara pouco e de forma obscura, mas os informes enviados pela Ordem dos Advogados acusavam os militares. Além da revolta, medo. (...)

"Os parceiros de Zanda acertaram mais um", disse, tocando com a ponta dos dedos a ferida no pescoço.

"Como ele teve coragem?", perguntei. "Como teve força para te bater?"

Na minha presença a doença de Jano some. Ficou descontrolado porque critiquei os amigos dele (...) Um pai não pode gostar mais de um cachorro do que de um filho (Hatoum, 2005, p. 122-123).

A ameaça passa da esfera pública para a privada quando Jano afirma que os militares farão com que Mundo aja do jeito que deseja:

Jano se aproximou do filho e berrou: "Nem morto vou te deixar em paz".

Mundo riu na cara dele: riso nervoso, ferino.

"Ninguém te pôs nos eixos. Uma pessoa não pode ser totalmente livre, ninguém pode. O coronel Zanda vai dar um jeito".

Tentei levar Mundo para a escada, ele resistiu e encarou o pai: "Zanda? Grande vigarista. Esses teus amigos...". (...)

A voz de Albino Palha se calou com o estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano (Hatoum, 2005, p. 121).

A síntese das relações entre pai e filho é expressa pelo motorista, Macau: "Quando os dois estão juntos, sentem ódio até da sombra do outro" (Hatoum, 2005, p. 122). A agressão verbal e física de Jano ao filho detona um ódio que, por evoluir gradativamente, preconiza uma tragédia: "... ele dizia que eu ria que nem uma putinha (...) ele passou o resto das férias proibindo todo mundo de rir. Meu pai detesta o riso. Agora ele vai ver o filho dele, a putinha, desfilar de farda" (Hatoum, 2005, p. 124).

Em *Cinzas do norte*, a escola reproduz a mesma violência do Estado. A repressão se impõe nas regras a que os alunos devem se sujeitar, sob pena de sofrerem castigos. Os "Jogos de Arena" são a expressão da agressividade dos estudantes. Em um desses jogos, um aluno morre enquanto o vencedor, em estado de êxtase, sequer percebe que matou o companheiro.

Em novembro, depois de um processo que não deu em nada, o veterano foi expulso do Pedro II, os jogos recomeçaram ainda mais violentos: lutadores que prometiam vinganças e apontavam as barras de ferro retorcidas, evocando a valentia do amigo punido, e os covardes que se cuidassem (Hatoum, 2005, p. 15-16).

Quando entra para o Colégio Militar, à violência paterna e à agressividade dos colegas soma-se o rigor dos treinamentos na selva, e Mundo expressa a sua rebeldia não apenas nas atitudes desafiadoras, mas pela sua arte. Do menino de cinco anos, que chora ante a atitude de rejeição do pai aos seus desenhos, ao rapaz de vinte e um anos que cria o *Campo de cruces* há uma longa

trajetória de mágoa e dor. Se antes o pai ignorava o seu pendor para as artes, agora tem de se defrontar com as notícias nos jornais, que dão conta da arte contestatória de Mundo, em sua tentativa de denunciar o que realmente acontecia no Novo Eldorado.

Um último encontro entre pai e filho culmina com a morte de Jano. Mas a morte do opressor não liberta Mundo. Dentro de si já havia sido plantada a semente da impropriedade, do não-pertencimento. Após participar de um protesto contra a censura na porta da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, Mundo é preso e enviado a um hospício. Com a ajuda da mãe, segue para a Europa, para tentar viver da sua arte. É em Londres, depois de uma série de experiências frustradas em várias cidades europeias, que Mundo pinta o que julga ser sua obra máxima. Os sete quadros de Mundo são a representação de uma trajetória que sintetiza a sua relação com o pai:

Na primeira pintura uma figura masculina aparece de corpo inteiro, os olhos cinzentos no rosto severo, terno escuro e gravata da cor dos olhos, as mãos segurando um filhote de cachorro (...) Nas quatro telas seguintes as figuras e a paisagem vão se modificando, o homem e o animal se deformando, envelhecendo, adquirindo traços estranhos e formas grotescas, até a pintura desaparecer. As duas últimas telas de fundo escuro eram antes objetos: numa, pregados no suporte de madeira, os farrapos da roupa usada pelo homem no primeiro quadro, que havia sido rasgada, cortada, picotada; na última, o par de sapatos pretos cravados com pregos que ocupavam toda a tela, os sapatos lado a lado mas voltados para direções opostas, e uma frase escrita à mão num papel branco fixado no canto inferior esquerdo: *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido* (Hatoum, 2005, p. 292).

É a mãe de Mundo, Alicia, quem conta ao narrador que havia pedido ao filho para tirar "aquele ódio da alma", obtendo como resposta um não, pois Mundo não poderia tirar o que restara da própria vida. Aos olhos do filho, a imagem de Jano se desumanizara, transformando-se em uma figura bizarra, e era ao mesmo tempo a tradução de sua angústia e o presságio de sua própria morte.

Os sapatos em direções opostas aludem a Janus, porteiro mitológico que presidia os términos e os começos, o passado e o futuro. O ódio de Jano fora a única realidade encontrada por Mundo em sua infância, em seu passado, e fora também a única coisa que lhe restara ao fim de sua existência.

Ao fundir a imagem do pai e do cão em um só ser, deformado, decomposto, Mundo retrata sua consciência aguda da natureza animal do homem. Para Lévinas, o homem adquire um rosto



enquanto sujeito ético, revestido de humanidade. O animal dentro de nós não tem rosto. A subjetividade, portanto, se constitui na relação direta eu-mundo, como possibilidade de acolhimento do outro:

Na relação com o Mesmo, o Outro sempre transcende as formas de apreensão e de domínio que sobre ele são estabelecidas. O Outro sempre escapa ao domínio do Mesmo não pela sua esperteza ou pela sua astúcia, mas porque nele se produz a ideia do infinito. O Outro compreendido como ideia do infinito não pertence ao domínio e poder do Mesmo, não é a posse que caracteriza tal relação, mas o acolhimento, no Mesmo, da ideia do infinito, ou seja, o acolhimento da exterioridade do Outro no Mesmo. Assim como a ideia do infinito é exterior ao cogito, o Outro é exterior ao Mesmo. O Outro não é um Outro do Mesmo. A alteridade do Outro não pertence ao domínio do Mesmo (Miranda, 2006: *on line*).

A pintura desumanizadora de Mundo revela a ausência de acolhimento, enfatizada na ironia com que se autodenomina "filho querido". Ao fim do romance, o leitor descobre que Mundo não é filho biológico de Jano, mas, sim, de Arana, o artista com pretensões revolucionárias que acaba por se tornar um pintor de paisagens exóticas da Amazônia e exportador de mogno, com o qual o protagonista se decepciona fortemente em seu leito de morte:

Agora expeliu esse nome na minha cara e confessou tarde demais que esse é o nome do meu verdadeiro pai. Tento lembrar cada momento no ateliê, cada conversa e encontro, mas só vejo o que há de pior naquele homem: a covardia, o oportunismo e uma preocupação fingida com o "aluno" que era seu filho (Hatoum, 2005, p. 310-311).

### **3 Considerações Finais**

Em uma entrevista a Julio Daio Borges (2006), Milton Hatoum, ao ser inquirido sobre o destino trágico de seus personagens, afirmou:

Trato a família como um ritual autofágico, em que todos se devoram para no fim sobrar apenas a palavra escrita, a memória inventada da tribo (*on line*).

Em *Cinzas do norte*, como em seus romances anteriores, a maioria dos personagens, inclusive o protagonista, tem um final trágico: Jano, Alicia e Mundo morrem prisioneiros de suas próprias dores, e Ranulfo se entrega à revolta e às lacunas de sua existência. Cabe a Lavo narrar a história do amigo, costurando-a ao relato que Ranulfo escreve, pedindo-lhe que o publique, em memória de Alicia e de Mundo. A carta de Mundo serve-lhe de epílogo. São as últimas palavras de alguém que já

sente no corpo o suor da agonia, alguém que é "menos que uma voz".

Mundo não sucumbe apenas à tirania paterna e do sistema; sucumbe, principalmente, à própria visão de liberdade ilimitada, à falta de visão da liberdade em uma perspectiva de rede social. Assim, em nenhum lugar encontra o elo do pertencimento: é de muitos lugares e de nenhum. Se, para Mundo, Manaus contém os tentáculos da tirania de Jano, a partida não é suficiente para libertá-lo, pois sua viagem por cidades europeias, e mesmo seu retorno ao Rio de Janeiro, serve apenas para que ele se perceba preso ao passado que sua cidade de origem representa.

Mundo morre deixando para trás a tensão dialética entre o Eu e o Outro, sem o vislumbre de seu próprio Rosto, sem a sensação de acolhimento, que segundo Lévinas, define o sujeito ético.

## Notas

<sup>1</sup> Kant contrapõe ao conceito de autonomia – dar a si mesmo a própria lei, aquela que a razão indica, e ser por isso livre – o conceito de heteronomia, ou seja, o deixar-se determinar por algo exterior à razão: sentimento, impulso, mas também lei de um estado ou de uma igreja.

<sup>2</sup> Mundo vai para o ginásio Pedro II, em abril, "depois do golpe militar" (Hatoum, 2005, p. 12). No aniversário do pai, um dos convidados elogia o "novo general-presidente" e "recita um poema em homenagem ao marechal morto" (*op. cit.*, p. 47).

## Referências

ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos ideológicos de estado*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BORGES, Julio Daio. Entrevista com Milton Hatoum. *Digestivo Cultural*. 1º maio 2006. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1>>. Acesso em: 30 maio 2009.

HATOUM, Milton. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque. Infinito e alteridade em Levinas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: CONFLUÊNCIAS, 2., 2006, Santa Maria (RS). *Anais...* [recurso eletrônico] / II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, 27 a 29 de setembro de 2006 – Santa Maria:

FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/013e3.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito (TI)*. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1988. (1961).

\_\_\_\_\_. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo (E.I)*. Tradução João Gama. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1988. (1982).

\_\_\_\_\_. Libertà e comando. In: CIARAMELLI, F. (Org.). *Ética prima come filosofia*. Milão: Guerini e Associados, 1993. p. 15-19.

\_\_\_\_\_. *Da existência ao existente*. Tradução Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ROLANDO, Rossana. Emmanuel Levinas: para uma sociedade sem tiranias. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 76, p. 76-93, out. 2001.

#### **Dados da autora:**

\*Shirley de Souza Gomes Carreira

Doutora em Literatura Comparada – UFRJ – e Professora – UNIABEU

Endereço para contato:

UNIABEU Centro Universitário

Rua Prof. Alfredo Gonçalves Filgueiras, nº 537

Centro

26.525-060 Nilópolis/RJ – Brasil

Endereço eletrônico:

[mitchell@centroin.com.br](mailto:mitchell@centroin.com.br)

Data de recebimento: 31 maio 2009

Data de aprovação: 22 set. 2009